

## I Encontro de Alunos Investigadores de Ciências da Educação do CIE-UMa

Jesus Maria Sousa

### O percurso do CIE-UMa

Antes de mais uma palavra especial de reconhecimento ao Professor Doutor António Veloso Bento por ter tido a ideia e levado a cabo esta iniciativa de organização de um evento académico especialmente dedicado à divulgação de estudos e investigações realizados por alunos ou ex-alunos no âmbito dos nossos mestrados e doutoramentos, o que marca uma nova etapa no percurso do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira (CIE-UMa).

#### ENQUADRAMENTO

Como filhos desta casa, penso que é importante que conheçam um pouco da história deste Centro, pois é isso que nos confere identidade. Sabermos de onde vimos? E de como chegámos até aqui?

Para começar, terei de dizer que não se pode falar do CIE-UMa sem referir a Universidade. Já atingimos a maturidade suficiente para afirmarmos, com convicção, que só há Universidade, enquanto sede de criação do saber, se a ela estiver associada a investigação, de forma sustentada, com linhas de pesquisa bem delimitadas. Não basta termos oferta formativa, normalmente associada às Unidades Orgânicas, se não tivermos centros de investigação.

No que diz respeito às Ciências da Educação, nem sempre foi assim. Tínhamos, tal como temos, o DCE, responsável pelos cursos, mas faltava-nos massa crítica para um centro de investigação.

A estabilidade relativa dos anos oitenta do século XX, década de toda uma preparação que culminou com a criação da Universidade, em 1989, e com ela a criação do DCE, permitia então uma projeção futura, com alguma segurança, com pouca margem de erro, em termos de cursos e áreas de saber a apostar.

Até então tínhamos dois polos de extensão universitária das Faculdades de Letras (1977) e de Ciências (1982) da Universidade de Lisboa, da Universidade Católica Portuguesa (1982) e da Universidade do Minho (1984), centrados essencialmente na *“formação pedagógica e científica dos educadores para os diversos níveis de ensino, do infantil ao secundário”* (p. 71).

No entanto, como todos sabemos, essa estabilidade foi dando lugar ao momento que se vivencia, de transformações profundas, globalmente falando, que Boaventura Sousa Santos considera como um momento de transição dos paradigmas sociais e epistemológicos, dada a rapidez e imprevisibilidade com que essas transformações acontecem. Referindo-se a esta transição paradigmática, que a humanidade vive

atualmente (e com maior pertinência nos tempos que correm particularmente no espaço europeu e da qual a Madeira não se consegue furtar), este autor considera-a “*um período histórico e uma mentalidade*”, caracterizando-a da seguinte forma:

*“A transição paradigmática é [...] um ambiente de incerteza, de complexidade e de caos que se repercute nas estruturas e nas práticas sociais, nas instituições e nas ideologias, nas representações sociais e nas inteligibilidades, na vida vivida e na personalidade.”*

B. Sousa Santos, 2000: 45

Neste cenário de transição, começa a existir uma consciência crescente da descontinuidade, da não-linearidade, da diferença, da necessidade do diálogo, da existência da polifonia, da incerteza, da dúvida, da insegurança, do acaso, do desvio e da desordem.

Pegando em Edgar Morin, está aqui uma nova ordem que contempla igualmente a desordem. É uma nova ordem, onde com muita dificuldade caberá a divisão simplista e dicotómica, diria que cartesiana, arrumada em razão, por um lado, e emoção, por outro; direita, por um lado, e esquerda, por outro; homem, por um lado, e mulher, por outro; negro, por um lado, e branco, por outro. Pelo contrário, estamos a viver o tempo da mestiçagem ético-filosófica, política e ideológica. Poderíamos pensar que isso tinha a ver apenas com as ciências sociais e humanas, que “terão” uma visão muito particular do mundo.

Mas é toda a ciência que é ressignificada, com os contributos oriundos das próprias ciências “duras”: lembremo-nos do princípio da relatividade de Einstein, do princípio da indeterminação de Heisenberg, das teorias probabilistas, da física quântica, de uma nova concepção da física que contempla já as irregularidades, as instabilidades, os desvios, os choques, as desorganizações, as desintegrações, etc.

*“A ciência hoje deve ter em conta um universo fragmentado e uma perda de certezas, deve fazer uma reanálise do lugar a conferir ao acaso e à desordem, tal como deverá ter em consideração as evoluções, as mutações, as crises e as mudanças em vez das situações estáveis e permanentes.”*

J.-P. Pourtois e H. Desmet, 1988 : 14

Todo este alvoroço epistemológico (porque em última análise estamos a falar do acesso ao conhecimento e do que é o conhecimento) chega naturalmente à Universidade da Madeira, enquanto o tal pólo de criação, transmissão, crítica e difusão da cultura, da ciência e da tecnologia, ou seja, do conhecimento.

A Madeira já não é mais ilha! Já não é possível isolar-se da dinâmica dos fenómenos, sejam eles quais forem, ainda que esteja rodeada de mar. Ela é igualmente permeável às questões do ambiente, da guerra, da fome, da droga, da crise económica, etc., que, de uma forma mediata ou imediata, assolam o universo.

Iniciada com a era dos descobrimentos, ao aproximar, de uma forma compulsiva e dominadora, mundos e costumes diversos, através da deslocação quer da mão-de-obra

africana, quer de colonos europeus para outros continentes, a tendência da globalização, segundo estudiosos destas questões, acentuou-se a partir da queda do muro de Berlim, em 1989 (como sabemos, ano de criação da UMa), começando por fazer eclodir, quer queiramos, quer não, uma economia de mercado, fundamentada num discurso neo-liberal, que também chegou ao País e, naturalmente, à Região Autónoma da Madeira.

Estamos, no fundo, a viver a fase tardia da modernidade, ou já a pós-modernidade, que A. Hargreaves (1998) tão bem caracteriza, com base em 4 parâmetros de análise.

1. Ao nível económico, com o declínio do sistema fabril, localizado na fábrica, é já difícil de se identificar o local exato, isto é, físico, de trabalho. As economias pós-modernas, diz ele, giram preferencialmente à volta da produção de informação e imagens, mais do que de produtos tangíveis... Daí que a rentabilidade dependa muito mais da antecipação do que da reação às necessidades de mercado, pois estas encontram-se em constante mutação.
2. Ao nível político, e num contexto de uma economia em colapso, a que O'Connor chama de crise fiscal do Estado, começa-se a questionar sobre a legitimidade da sua intervenção na regulação da vida económica, com a determinação das taxas de juros, dos salários mínimos, etc. De facto, com a dramática intensificação das práticas transnacionais, da internacionalização da economia, da migração e das redes de informação e comunicação, o(s) Estado(s) vêm procurando a sua auto-renovação, dando início a um movimento de privatização de áreas que eram dantes indiscutivelmente suas, como as da saúde, segurança social e educação.
3. Ao nível organizacional, e como reflexo dos dois parâmetros anteriores, exige-se uma maior e mais célere capacidade de resposta e uma flexibilidade tal que não dependa de pesadas máquinas burocráticas. A especialização de papéis dilui-se, esbatendo-se hierarquias e fronteiras, através de tomadas de decisão descentralizadas, por estruturas cada vez mais horizontais.
4. E finalmente, ao nível pessoal, observa-se que as relações sociais parecem estar cada vez menos confinadas a um tempo e a um espaço determinados, pois os indivíduos agrupam-se antes, a partir de interesses afins, como está a acontecer com as comunidades virtuais, nos grandes centros urbanos. A falta de permanência e de estabilidade na habitação, nos postos de trabalho, etc., veio com isso originar crises nas relações interpessoais, uma vez que nem a tradição nem a obrigação constituem já factores de coesão pessoal.

Esta reflexão prévia sobre a contemporaneidade traz consigo os ingredientes necessários para melhor compreendermos o percurso do CIE-UMa.

## PREPARAÇÃO

Esse percurso teve início em 1995, a partir do DCE, quando um de nós, por ter realizado o seu doutoramento em França, iniciou, enquanto um dos membros fundadores, uma Sociedade Europeia de Etnografia da Educação: *Société Européenne d'Ethnographie de l'Éducation*. Criada em Paris, esta associação reunia um conjunto de parceiros,

essencialmente de países do Sul da Europa: Portugal, Espanha, França e Itália, tendo tido como presidente honorário, o saudoso Georges Lapassade de Paris VIII (já falecido), referência incontornável na etnografia da educação.

Com o decorrer dos anos, e após encontros em Rennes, e no Sul da Itália, mais concretamente nas cidades de Lecce, Brindisi, Taranto e Massafra, a partir do grande número de associados da Madeira, e face à capacidade de organização que, modéstia à parte, nos caracteriza, conseguiu-se trazer a sede desta associação europeia para a cidade do Funchal. E conseguimos trazer para a UMA o grande Georges Lapassade, sendo a etnografia da educação uma das linhas de pesquisa do CIE-UMa.

Em 1998, o Departamento começou a abrir-se também para os países do Norte da Europa. A partir de alguns de nós que já eram membros da *Association for Teacher Education in Europe (ATEE)*, a ligação com esta outra associação começou a acentuar-se, a partir desse ano. Virada para a formação de professores na Europa, esta associação tem a sua sede em Bruxelas, realizando todos os anos uma Conferência Anual e um outro encontro "*Interim meeting*", organizado pelo grupo de trabalho a que cada um está ligado, o chamado "*Research and Development Centre*", geralmente com cerca de 15 a 20 elementos oriundos de países diversos. Assim, alguns membros do DCE puderam participar não só nas Conferências Anuais de Limerick (1998), Leipzig (1999), Barcelona (2000), Estocolmo (2001), Varsóvia (2002), Malta (2003), como também nos "*Interim meetings*" em Amsterdam, Londres, Antuérpia, e naturalmente no Funchal, como não poderia deixar de ser, em 2004, onde foi preparada uma candidatura a um projeto Comenius sobre Scenario Planning que deu lugar mais tarde a uma disciplina comum aos nossos 3 mestrados de investigação (administração educacional, inovação pedagógica e supervisão pedagógica).

Esta especialização, ao nível da formação de professores, abriu portas também para um trabalho de avaliação dos próprios cursos de formação inicial docente, na Irlanda e na Lituânia.

Voando agora em direção ao Pólo Norte, estabeleceu-se, através do Programa Sócrates, um Acordo Bilateral com a Universidade de Tromsø, cidade norueguesa que, de todas, é a que está situada mais a Norte da Europa, acima do Círculo Polar Ártico.

Mas tentando alargar ainda um pouco mais a perspetiva europeia de formação de professores, o DCE tentou dar um primeiro passo para fora da Europa, através da sua participação na *ISTE - International Society of Teacher Education*, nomeadamente com a experiência proporcionada pelo contato com algumas escolas básicas do Kuwait, em 2001, isto é, no intervalo entre a invasão pelo Iraque e a invasão do Iraque. Já sentindo um apelo a uma intervenção mais internacional, passámos a ser igualmente membros desta outra associação, inscrevendo-nos ao mesmo tempo numa outra Conferência Anual da ISTE, a ter lugar na Universidade Católica de Hong-Kong, em 2003, mas que acabou por sair gorada dado o seu cancelamento por motivos da pneumonia atípica (gripe das aves), que entretanto eclodira no Extremo-Oriente.

A PARTIR DE 2003

Foi este desbravamento e a rede internacional daí resultante que nos permitiram enveredar pela criação do Centro de Investigação em Educação (CIE-UMa), em 2003, que desse suporte a cursos de mestrado e doutoramento, necessariamente ligados à investigação. Esses cursos deveriam estar apoiados em linhas de pesquisa, que são, como sabeis, as de Currículo (com o Mestrado de Supervisão Pedagógica e o Doutoramento em Currículo), Inovação Pedagógica (com o Mestrado e o Doutoramento com o mesmo nome) e Administração Educacional.

Os mestrados e os doutoramentos pela UMa são criados em articulação com as linhas de pesquisa do CIE-UMa. Desde a sua criação, defenderam a sua dissertação de mestrado 215 alunos e a sua tese de doutoramento, 26.

Há que realçar também o trabalho de captação de alunos realizado não só no Continente **Português**, em colaboração com a ESE de Santarém, como também no Brasil. Em colaboração com colegas nossos brasileiros, Doutores de Universidades públicas, Estaduais e Federais, as nossas linhas de pesquisa ganham outro significado.

Desde 2004, fomos passando pelas cidades de Brasília, São Luís do Maranhão, Salvador, Feira de Santana, Itabuna, Recife e Fortaleza. Pode-se imaginar como este trabalho sedimenta relações de cooperação científica e mesmo pessoal. Temáticas tão diversas, porque relacionadas com a cultura local, como por exemplo: “Inovação pedagógica e representações sociais na escola do Ilê-Aiyê”, ou “Arte como política afirmativa dos afro descendentes na escola”, ou então “O que a universidade faz com a cultura popular: o caso da inovação pedagógica na capoeira”, têm ajudado a alargar os nossos horizontes.

Realizamos todos os anos, no mês de Dezembro, o nosso Colóquio CIE-UMa: já está anunciado o próximo que será o XI Colóquio em torno de “Didática e Matética”, que parece estar a ser um ponto nevrálgico a necessitar de investigação.

#### EM JEITO DE CONCLUSÃO...

Em jeito de conclusão, e retomando os princípios atrás enunciados do cenário de transição paradigmática, que estão na base do percurso do CIE-UMa, poderemos sistematizá-los, da seguinte forma:

1. A nossa reduzida dimensão não constitui desculpa para não se ir mais além, uma vez que os conceitos de espaço e de tempo são já outros. Para além das instalações localizadas no Colégio dos Jesuítas e no Campus da Penteadá, a UMa não se confina apenas a este espaço físico. Quando se toma o avião com a mesma facilidade com que dantes se apanhava o autocarro, podemos dizer que o CIE-UMa está onde estiver um investigador seu (sénior ou júnior). E num mundo altamente marcado pelas tecnologias de informação e comunicação, tudo está disponível on-line, podendo qualquer pessoa aceder aos resumos (em inglês, francês e castelhano, além de português, como sabem), às dissertações, aos artigos, etc. É a tal produção de informação e imagens, mais do que de produtos tangíveis, de que falava atrás.

2. Num ambiente de incerteza e de complexidade que caracteriza os tempos que correm, o CIE-UMa terá que tomar a iniciativa, não contando apenas com a sua capacidade de resposta ou de reação às iniciativas tomadas por outrem ou pelos acontecimentos. Teremos, em minha opinião, de nos projetar mais longe, de sermos mais ambiciosos, sermos apoiados e apoiantes, num vaivém de verdadeira cooperação, nos dois sentidos. Podemos e devemos contribuir para o desenvolvimento regional, isto é, olhando para dentro, como também poderemos e deveremos contribuir para o desenvolvimento de outras paragens.
3. Há que ir em busca de novos mercados, as tais sociedades emergentes. O Brasil (Norte e Nordeste brasileiro) e as ex-colónias portuguesas em África estão ávidos de formação, com a vantagem de usarmos todos a mesma língua. Há que ultrapassar os pruridos da tradição de torre de marfim que vêm amarrando as universidades públicas portuguesas, ainda pouco confortáveis com a filosofia da economia de mercado, da oferta e da procura, da exportação de cursos, da ligação a empresas de assessoria educacional, etc.
4. Mas, para isso, é preciso que a Universidade da Madeira tenha em atenção o seguinte: a interação com outros povos, outras tradições e culturas exige, antes de mais, uma atitude de profundo respeito pela diferença e diversidade cultural; exige um despojamento do seu etnocentrismo, neste caso, eurocentrismo, que coloca ainda a razão, o homem, o branco e o macho, acima de tudo o mais; exige uma postura mais humilde face ao saber, uma postura de busca, crítica e auto-crítica, de tentativas de aproximação à “verdade”.

Pois como diz E. Morin,

*“De Galileu a Einstein, de Laplace a Hubble, de Newton a Bohr, perdemos o trono da segurança que colocava o nosso espírito no centro do universo: aprendemos que somos apenas outros cidadãos do planeta Terra, nos arredores dum Sol, ele próprio das redondezas, exilado na periferia duma galáxia periférica dum universo mil vezes misterioso que ninguém poderia ter imaginado há um século atrás.”*

E. Morin, 1990 : 23

Este I Encontro de Alunos Investigadores de Ciências da Educação pretende acentuar essa atitude de humildade face ao saber.